Instituto de Educação Infantil e Juvenil

**Primavera**, 2020. Londrina, **27** de **outubro**.

Nome: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_\_

Área do conhecimento: Língua Portuguesa | Professor: Fernando Lisbôa

|  |
| --- |
| **Narrativa de ficção científica** |

Leia o texto a seguir, trata-se do primeiro capítulo do famoso livro de Mary Shelley:

 *FRANKENSTEIN*

Mary Shelley

Como pode o verme ser o herdeiro das maravilhas de um olho ou de um cérebro?

Era o que eu pensava enquanto me debruçava, com um misto de nojo e fascínio, sobre os corpos em decomposição no laboratório. Nenhum prazer da juventude me deixaria tão realizado quanto a tarefa a que eu me entregara.

Dois anos antes, quando fiz dezessete anos, meu pai, Alphonse Frankenstein, me mandara para a universidade de Ingolstadt, no Sul da Alemanha. Já me apaixonara por química no colégio em Genebra, mas ele achou importante que eu completasse os estudos fora da Suíça. E foi em Ingolstadt, ao assistir às aulas de *herr* Waldman, que passei a admirar os velhos alquimistas.

Certo dia, ele falou de Cornelius Agripa e Paracelsus, os cientistas visionários do século XVI, comparando-os a nossos contemporâneos do século XVIII.

“Os cientistas antigos procuraram o elixir da vida eterna, a pedra filosofal e outras tolices. Eles prometeram o impossível e não o realizaram”, disse o professor. “Os mestres de nosso tempo prometem pouco, mas podem fazer muito — graças aos antigos. Ao buscar essas quimeras, eles penetraram nos esconderijos mais secretos da natureza e nos mostraram como ela funciona. Descobriram como o sangue circula e de que é composto o ar que respiramos. Por causa deles, nós, os cientistas de hoje, dispomos de poderes quase ilimitados. Podemos dar ordens ao trovão, imitar o terremoto e até zombar do invisível. Nem sempre somos compreendidos. Mas as invenções do homem de gênio, por mais absurdas que pareçam a princípio, sempre trazem benefícios para a humanidade.”

As palavras de *herr* Waldman me deixaram profundamente impressionado. Não consegui fechar os olhos aquela noite. Tudo dentro de mim parecia em estado de insurreição. O dia raiou e finalmente dormi. Mais tarde, quando acordei, meus pensamentos eram mágicos e confusos como um sonho. Eu iria descobrir algo que faria a humanidade dar passos de gigante. Mas o quê?

Enquanto não tinha a resposta, resolvi que o melhor seria dedicar-me fervorosamente a certos estudos para os quais me julgava predestinado: química, biologia, anatomia, filosofia natural. Neles eu encontraria o que procurava. E assim terminou um dia memorável para mim.

Como poderia adivinhar que aquele sonho traçaria meu terrível destino?

SHELLEY, Mary. **Frankenstein** / uma história de Mary Shelley; contada por Ruy Castro; ilustrada por Odilon Moraes — São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

1. Quais elementos do texto o definem como uma *narrativa*? E o que o transforma em *ficção científica*?

2. Qual é o tipo de narrador utilizado no texto? Justifique.

3. Dentro da narrativa, por que os feitos dos alquimistas são importantes? Justifique a resposta com trechos do texto.

4. Ao longo da narrativa, o narrador utiliza-se de várias perguntas. Explique por que esse recurso é importante para o desenvolvimento do texto.